



## **Análise do conhecimento autodeclarado e utilização da CIF por docentes fisioterapeutas de uma instituição de ensino superior pública.**

**Victor Oliveira Sousa<sup>1</sup>(IC)\*, Daniella Alves Vento<sup>1</sup>(PQ)**

**vos@aluno.ueg.br**

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás, Campus Metropolitan, Unidade Goiânia – Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás-ESEFFEGO – Av. Oeste, 56-250 – St. Aeroporto, Goiânia-GO, 74075-110

**Resumo: Introdução:** A Classificação Internacional de Incapacidade, Funcionalidade e Saúde (CIF) é uma ferramenta criada em 2001 pela Organização Mundial da Saúde deve fazer parte da formação dos profissionais de saúde, sendo necessário o conhecimento sobre a ferramenta por docentes. **Objetivo:** Analisar o nível de conhecimento da CIF por docentes fisioterapeutas do curso de fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior Pública. **Metodologia:** Trata-se de estudo observacional transversal de caráter descritivo. Aplicou-se um questionário semiestruturado e adaptado *online* contendo 21 questões sobre conhecimento da CIF, que permitiu avaliar o participante em três dimensões: uso, conhecimento e aplicabilidade da CIF. **Resultados:** A média de idade foi de 43±6,17anos, maioria sexo feminino (55,6%), 100%(27) conheciam a CIF, a maioria referiu nível de conhecimento bom (44,4%), 70,4%(19) utilizam a CIF na atividade profissional, 77,8%(21) utilizam nas disciplinas que ministram na graduação. 55,6%(15) referiram dificuldade para entender e 70,4%(19) para aplicar a CIF, 92,6%(25) acham importante utilizar ou aplicá-la em atividades de sala de aula. **Conclusão:** A maioria dos docentes conhecem a CIF, consideram seu nível de conhecimento bom, aplicam atividades com a ferramenta em sala de aula, e consideram importante a sua utilização, mas relatam dificuldade de entender e aplicar. **Palavras-chave:** CIF. Fisioterapia. Ensino. Educação Superior. Docentes

### **Introdução**

A Classificação Internacional de Incapacidade, Funcionalidade e Saúde (CIF) é uma ferramenta criada em 2001 pela Organização Mundial da Saúde, para organização e documentação, a CIF é uma forma de padronizar e sistematizar a coleta e classificação da funcionalidade e incapacidade de um indivíduo (OMS, 2001; FARIAS e BUCHALLA, 2005). Em 2012 o Ministério da Saúde estabeleceu a inserção da CIF no Sistema Único de Saúde e o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) normatizou, por meio da Resolução 370/2009, o uso da mesma por profissionais fisioterapeutas, pois por meio dessa ferramenta é possível realizar uma análise que abranja todos os aspectos do processo saúde-doença de





forma individual, desde o momento em que a patologia se instala até suas consequências e comprometimentos que poderão surgir, pois a doença e o diagnóstico clínico de diferentes pacientes podem até ser o mesmo, mas isso não significa que as incapacidades serão as mesmas ao nível de estrutura e função corporal (BRASIL, 2012; COFFITO, 2009).

Desta forma, a ferramenta torna-se essencial para a atuação fisioterapêutica e é importante que os profissionais ou futuros profissionais tenham o contato com a ferramenta desde a graduação. Sendo assim é necessário o conhecimento por parte dos profissionais fisioterapeutas docentes afim de transmitir as informações necessárias sobre a CIF, sua função, utilização e objetivos que devem ser incluídos no currículo da graduação para que se torne o uso como parte da rotina clínica, favorecendo o consenso e padrão dentro das abordagens oferecidas pela classe. Baseado neste contexto o objetivo foi analisar o nível de conhecimento da CIF por docentes fisioterapeutas do curso de fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) Pública.

### Material e Métodos

Trata-se de um estudo observacional transversal de caráter descritivo onde foram convidados docentes fisioterapeutas de uma IES pública. Foram incluídos na pesquisa docentes com idade superior a 18 anos, de ambos os sexos, com formação superior em Fisioterapia. Foram excluídos os questionários dos participantes que não responderam adequadamente o questionário ou não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aplicou-se um questionário semiestruturado e adaptado *online* contendo 21 questões sobre conhecimento da CIF, que permitiu avaliar o participante em três dimensões: uso, conhecimento e aplicabilidade da CIF, além de fazer um levantamento sobre o perfil acadêmico do docente. Os dados coletados foram tabulados através de planilha do Microsoft Excel® 2013 onde foram organizados, a análise estatística foi realizada pelo SPSS 23.

### Resultados e Discussão

Participaram 27 docentes, sendo 15 (55,4%) do sexo feminino, com média de idade de  $43 \pm 6,17$  anos. A maioria dos participantes 17 (63%) tinha tempo de formação entre 11 - 20 anos, 9 (33,3%) mais de 21 anos e apenas 1 (3,7%) ente 0 e





5 anos, sendo que 3 (3,3%) pós doutorado, 6 (22,2%) doutorado, 9 (33,3%) mestrado, e 9 (33,3%) especialização. Em relação a especialidade e/ou área de atuação 5 (17,9%) eram da fisioterapia traumato-ortopedia, 12 (42,9%) da fisioterapia Neurofuncional, 3 (10,7%) fisioterapia cardiovascular, 3 (10,7%) da fisioterapia respiratória, 1 (3,6%) fisioterapia em Osteopatia, 1 (3,6%) Saúde da criança, 1 (3,6%) gerontologia e 1 (3,6%) referiu ter especialidade em dança e terapia crânio sacral.

Na questão que se refere ao conhecimento da CIF os 27 (100%) relataram que conheciam o instrumento. Quanto ao nível de conhecimento 10 (37%) classificam como razoável, 12 (44,4%) como bom, 3 (3,3%) muito bom, 1 (3,7%) e 1 (3,7%) como muito ruim e ruim, respectivamente. 24 (88,9%) responderam que sabiam quem era o Órgão responsável pela proposição da CIF e 3 (11,1%) não sabiam, 22 (81,5%) conheciam a resolução 5421/2001 da OMS, já sobre a resolução 370/2009 do COFFITO 19 (70,4%) conheciam esta resolução. Quanto ao contato com a CIF a maioria disse que não tiveram contato durante a graduação 22 (81,5%), já na formação continuada a maioria relatou que o tema CIF foi abordado 18 (66,7%) da amostra; 17(63%) referiram que tiveram algum tipo de treinamento para utilizar a CIF.

Quanto a compreensão e aplicação da ferramenta, a maioria 15 (55,6%) e 19 (70,4%) disseram ter dificuldades de entender e aplicar a CIF, respectivamente. 19(70,4%) sabiam o que são os *core sets* da CIF, 25 (92,6%) consideram a utilização da CIF importante.

Todos os participantes reconhecem que o foco da CIF é saúde, e 26 (96,3%) que ela tem relação complementar a CID. A maioria dos participantes 19 (70,4%) referiram que faz uso da CIF na sua atividade profissional diária; 3 (11,1%) diz não utilizar por ser complexo, 4 (14,8%) não utiliza por ser uma ferramenta nova e 1 (3,7%) diz não estar apto a utilizar. Quando perguntados se sabiam se no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da sua instituição de vínculo possuía menção no uso da CIF 19 (70,4%) referiu que sim. 11(40,7%) afirmaram que na disciplina ministrada usa a CIF como parte da formação do diagnóstico fisioterapêutico, 10 (37%) com aulas expositivas.

A CIF é uma ferramenta promissora, porém que ainda não está presente na rotina de grande parte dos profissionais e ainda é um desafio para o docente incluí-la





na rotina de ensino da profissão em virtude da dificuldade de compreensão e aplicação da mesma. Santos et al (2020) evidenciaram uma dificuldade dos profissionais na utilização a CIF, sendo que apenas 29% da amostra aplicava a ferramenta em seus pacientes e ainda apenas 35% tiveram contato com a ferramenta durante a graduação e justificam a não utilização principalmente pela falta de publicações científicas, tamanho extenso da ferramenta e falta de conhecimento suficiente. Estudos como este evidencia a necessidade extrema de tornar a CIF um instrumento de uso corriqueiro desde a graduação, pois os profissionais em processo de formação terão a oportunidade de mudar essa realidade.

Em nossos achados, menos da metade aplicam a ferramenta em atividade de sala de aula, Andrade et al (2012) demonstraram a situação em que profissionais que deveriam utilizar a CIF não o fazem, 64% da amostra, 70% dos trabalhadores de instituições públicas disseram não ter conhecimento da ferramenta, mesmo sendo esta requisitada pelo SUS desde 2012. Talvez a maior dificuldade de aceitação e adesão ao uso da CIF seja a falta de conhecimento adequado para utilizá-la.

A CIF tem uma tendência mundial, e o Brasil não pode ficar aquém do avanço proporcionado pela ferramenta no que diz respeito a possibilidade de padronização da linguagem entre profissionais, possibilidade de gerar dados sobre a classificação de incapacidade do indivíduo que permitem a comparação entre diferentes populações com condições de doenças semelhantes ao redor do mundo (OMS, 2001).

Muito se tem a melhorar sobre a qualificação do corpo docente das universidades para inserir a ferramenta no contexto do ensino na graduação, talvez o investimento em cursos, treinamentos e atualizações beneficiariam o docente e os seus alunos.

### Considerações Finais

Foi possível observar que a maioria dos docentes conhecem a CIF, consideram seu nível de conhecimento bom, aplicam atividades com a ferramenta em sala de aula, e consideram importante a sua utilização, mas grande parte relatam dificuldade de entender e aplicar a ferramenta. Talvez a CIF não esteja sendo explorada como deveria como conteúdo de estudo dentro das instituições de graduações e pós graduações, e mesmo apesar de todas as orientações tanto do SUS como do





COFFITO quanto ao ensino e utilização da CIF ainda se encontram deficitárias a habilidade dos profissionais para utilizá-la. Dentre as limitações encontradas, a precária quantidade de publicações sobre o nível de conhecimento dos usuários da ferramenta impossibilitou comparações mais evidentes com os nossos achados. Recomenda-se que haja mais estudos, com amostras maiores e questionários mais detalhados que permitam colher informações eficientes para que estratégias de melhoras sejam lançadas a fim de tornar a CIF um instrumento usual na rotina clínica de todos os profissionais de saúde.

### Agradecimentos

Agradecimentos a toda sociedade brasileira, que possibilita a existência de Universidades públicas. A própria Universidade Estadual de Goiás que permitiu que o estudo se desenvolvesse. Aos professores, que se dispuseram em responder o questionário. E a professora Daniella Vento que me orientou nesta pesquisa mesmo em tempos complicados e me concedeu um excelente conhecimento em pesquisa.

### Referências

- Andrade, L. E. L. de Oliveira, N. P. D. de Ruaro, J. A., Barbosa, I. R., et al. Avaliação do nível de conhecimento e aplicabilidade da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Saúde Em Debate**, 41(114), 812–823, 2017. doi:10.1590/0103-1104201711411
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 452, de 10 de maio de 2012. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 maio 2012.
- CASTRO, S. S; CASTANEDA, L.; ARAÚJO, E. S; BUCHALLA, C. M. Aferição de funcionalidade em inquéritos de saúde no Brasil: discussão sobre instrumentos baseados na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, p. 679-687, 2016.
- COFFITO (Brasil). **RESOLUÇÃO Nº 370, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2009**, 6 nov. 2009.
- FARIAS, N.; BUCHALLA, C. M. A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da organização mundial da saúde: conceitos, usos e perspectivas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 187-193, 2005.
- OMS. Como usar a CIF: Um manual prático para o uso da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), 2013.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde: CIF. São Paulo: Edusp, 2001.
- SANTOS, L.N.L; PEREIRA, T.M.A; MELO, A.W.S. et al. Conhecimento e Utilização da CIF por Docentes Fisioterapeutas na Cidade de Teresina-PI. **Revista Neurociências**, p. 1-14, 2020.

